ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

Curtas Urbanos: o uso do audiovisual para debater questões urbanas

Autores:
Jayne Lucas Pereira - UFRN - jayne.lp@gmail.com
Elisa Gianvenuti - UFRN - elisa102gianvenuti@gmail.com
Nathalia Azevedo de Melo - UFRN - nathaliaazmelo@gmail.com
Amíria Bezerra Brasil - UFRN - amiriabrasil@gmail.com

Resumo:

O artigo aborda a contribuição do audiovisual na esfera do ensino de Arquitetura e Urbanismo através da análise do projeto de extensão Curtas Urbanos, que promoveu eventos de exibição de curtas-metragens com temáticas relacionadas aos estudos urbanos. Foi realizada uma investigação teórica a respeito da utilização do audiovisual como instrumento de debate e representação de processos urbanos e antropológicos a partir dos trabalhos de Olivieri (2007) e Tavares (2017). Em seguida, analisaram-se as temáticas levantadas pelos curtas-metragens e as discussões realizadas a partir das exibições. As sessões resultaram em ricas discussões acerca dos temas retratados, além do êxito no alcance à um público diverso, integrando professores, estudantes e público externo. Assim, se identificou o valor do audiovisual como uma potente ferramenta para levantar reflexões e questionamentos à respeito de questões urbanas, apresentando contextos desconhecidos ao meio acadêmico em seus moldes convencionais.

CURTAS URBANOS

O uso do audiovisual para debater questões urbanas

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Curtas Urbanos foi uma iniciativa estudantil criada com o objetivo de promover a exibição de curtas-metragens que abordassem perspectivas relativas aos estudos urbanos, como a apropriação e configuração do espaço, vulnerabilidades socioambientais, direito à cidade, direito à moradia, patrimônio edificado entre outros temas importantes na atuação do Arquiteto e Urbanista. A ação constituiu-se da realização de eventos para exibição dos curtas ao decorrer do ano de 2018, com cada um dos encontros centrado num tema específico, com um ou dois curtas que se relacionavam dentro do eixo temático. O projeto contou com o apoio da Coordenação do curso e do Departamento de Arquitetura, assim como do Centro Acadêmico e do Coletivo Mandinga Audiovisual, assim como, em alguns eventos específicos, do grupo Vozes da Cidade e do Fórum de Direito à Cidade. Os curtas foram selecionados previamente, e em cada encontro foram convidados os realizadores dos filmes, assim como professores do curso de Arquitetura e Urbanismo e convidados especiais para fomentar o debate de acordo com a temática. Ao todo foram 7 edições, contemplando 9 curta-metragens.

A elaboração deste artigo baseou-se na investigação teórica sobre a utilização do audiovisual como ferramenta de debate e representação dos processos urbanos, a partir dos trabalhos de Silvana Olivieri (2007) e de Frederico Luna Tavares (2017), e no registro e análise das discussões realizadas a partir da exibição dos filmes. O trabalho está dividido em duas partes: a primeira traz um aporte teórico do olhar do cinema, e principalmente do documentário, sobre a cidade, assim como as possibilidades de utilização do audiovisual como instrumento de registro e entendimento de fenômenos urbanos, e a segunda que está estruturada na apresentação dos curtas exibidos durante a ação de extensão, a relação das histórias apresentadas nas produções com os temas relativos à produção da arquitetura e da cidade, assim como os pontos que mais se destacaram nos debates que se seguiram. Por fim, as conclusões apontam para a importância do audiovisual como um meio de apropriação subjetiva da cidade, e de concepção de um novo sentido e forma de pensar para o urbanismo.

O URBANO ATRAVÉS DO OLHAR DO AUDIOVISUAL

Em algum momento na sua trajetória, o profissional ou estudante de Arquitetura e Urbanismo há de se deparar com a necessidade de expandir os limites do campo de estudo, adentrando outras áreas do conhecimento, para conseguir melhor compreender questões relativas ao urbanismo. Silvana Olivieri, em sua dissertação de mestrado que se tornou livro - *Quando o cinema vira urbanismo -,* salienta a importância do diálogo com outros campo de atuação que também lidam com a questão urbana como a antropologia, a etnografia, o cinema e a filosofia, que ela classifica como "campo transbordado". Em resenha na revista virtual Vitruvius, Paola Berenstein Jacques descreve esta abordagem de Olivieri como "um desvio criativo do campo do urbanismo propriamente dito, mas que pode – e deve, segundo a autora – ser determinante em sua própria atualização enquanto campo de conhecimento" (JACQUES, 2011, pág. 1).

Silvana resgata importantes contribuições do arquiteto - que se auto-intitulava "antropoteto" ou "etnurbanista" - Carlos Nelson Ferreira, que tinha forte ligação com os estudos antropológicos e fez um extenso trabalho de catalogação de produções audiovisuais no país que tratavam do meio urbano, atuando também em projetos participativos de urbanização de favelas, assim como na exploração metodológica do documentário urbano. Nesse sentido, a autora propõe uma postura antropológica em contraponto à uma visão distanciada do cotidiano urbano, considerando a perspectiva do usuário e do morador em primeiro plano. O cinema, o audiovisual ou o fazer documentário representa portanto uma ferramenta de compreensão do *Outro*, que não se encontra distante, em sociedades primitivas, como costuma ser foco nos estudos antropológicos mais tradicionais. Este *Outro* "mora ao lado, divide, se apropria ou ocupa, por vezes de forma bastante conflituosa, os espaços públicos urbanos" (JACQUES, 2011, p.1).

Segundo Silvana Olivieri (2007), desde as primeiras exibições cinematográficas, realizadas pelos irmãos Lumière, foram exibidas cenas cotidianas da vida das cidades, como operários saindo de uma fábrica ou passageiros esperando um trem na estação. Produções mais recentes, destaca a autora (OLIVIERI, 2007), como os documentários do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, também retratam ambientes urbanos, principalmente aqueles considerados problemáticos, como um lixão na periferia de Niterói, as favelas cariocas, ou a vida dos moradores do Edifício Master, em Copacabana.

> De fato, uma das principais tendências da produção documentária brasileira, nas últimas duas décadas, tem sido mostrar, através de um certo "olhar antropológico", o cotidiano não apenas das favelas, mas de vários outros espaços urbanos que, em comum, apresentam algum tipo de escape ou desvio nas ordens da chamada "cidade formal", regular ou legal, dando a palavra às personagens singulares que neles habitam ou circulam. (OLIVIERI, 2007, p.106-107)

A ficção e o documentário são as principais formas de produção audiovisual, e o documentário vem recebendo um destaque maior nos últimos anos devido ao fato de fazer uso de equipes pequenas, ter um baixo custo de produção, e dispensar um planejamento bem definido e um roteiro prévio. Para Olivieri (2007), na forma documentária ou ficcional, os filmes

estabelecem uma relação com o mundo e afetam a experiência do espectador nesse mundo. Ainda segundo esta autora (OLIVIERI, 2007), nas últimas décadas, os documentários vêm apresentando formatos e abordagens cada vez mais complexas, mas o ideal de representar a realidade da forma mais verdadeira ainda orienta a maioria das produções, estando presente na voz autoritária capaz de afirmar ou negar a veracidade dos acontecimentos de acordo com seus objetivos, ou a partir do testemunho dos personagens aceitos sem crítica. No entanto, algumas obras escapam desse modelo ao fazerem coexistir diversas falas e pontos de vista sobre o mesmo tema, revelando o processo de construção de um determinado sentido através do filme.

Por esse caráter de aproximação com o sentido de realidade dos objetos abordados, para Olivieri (2007), os documentários podem ser uma forma de libertar os urbanistas de pensamentos e teorias que já são discutidas da mesma forma há muito tempo. A partir da apreensão da cidade por meio do audiovisual, esses profissionais podem ter ainda mais um instrumento para praticar, percorrer, e misturar-se às pessoas e ao ambiente urbano, gerando uma composição "cristalina" da visão de cidade, como destaca Olivieri a partir de Gilles Deleuze (2005, p.88-89 *apud* OLIVIERI, 2007, p.7).

Aliado a isso, a fim de construir o que seria um quebra-cabeça imagético, como aponta Enzo Traverso (2007, *apud* TAVARES, 2017, p.51), o audiovisual pode ser utilizado como uma ferramenta de pesquisa, de coleta de depoimentos, leituras visuais e sonoras do espaço urbano, que ajudem a investigar e documentar, por exemplo, a memória de um lugar. Segundo Frederico Luna Tavares (2017), a união entre arquitetura e produção audiovisual tem uma grande possibilidade de construção teórica e prática, assim como representa um campo de consumo como produto educacional pouco explorado. Já para Angela Maria Rocha e Tatyane Bandeira de Souza (2007, p.131), o cinema, como meio de representação de uma realidade urbana, também possibilita uma visão global de um determinado objeto estudado, através de um sistema que as autoras classificam como a "multiplicidade de imagens no tempo e diversos pontos de vista", com um caráter espacial mais dinâmico do que as representações bidimensionais usualmente empregadas na arquitetura.

De modo geral, conclui-se que as produções audiovisuais, desde suas origens, sempre tiveram um apreço pela temática urbana, por representar a vida nas/das cidades. Com a popularização dos meios de gravação de vídeo e de compartilhamento de informações pelas redes sociais, o vídeo como meio de comunicação começa a integrar o cotidiano de toda a sociedade, o que possibilita a utilização desse produto como instrumento de conscientização interdisciplinar e contato com distintas realidades. No caso da área de Arquitetura e Urbanismo, esse pode ser mais um meio de inserção dos profissionais e estudantes em discussões que tenham como tema central as problemáticas socioespaciais das cidades.

A MOSTRA

A mostra *Curtas Urbanos* surgiu a partir do interesse de promover exibições de curtas-metragens que tratam de temas pertinentes ao universo acadêmico de Arquitetura e Urbanismo mas que também dialogam com outras diversas áreas do conhecimento e que poderiam enriquecer a experiência universitária a partir dessa integração com o público externo. A idealização do projeto partiu de uma estudante de arquitetura que se aproximou do audiovisual durante a graduação, a partir de exercícios acadêmicos com a realização de vídeos, tendo se aprofundado na temática ao pagar disciplinas optativas em outros departamentos da universidade e também em seu período de intercâmbio. Desse modo, ela passou a atuar em produções audiovisuais independentes desde 2014. Percebendo o potencial transformador desse meio de comunicação, tanto como ferramenta de pesquisa quanto meio de transmissão de informações, cunhou a realização do projeto como forma de divulgar produções locais - que muitas vezes ficam restritas ao universo da comunicação social - e despertar o potencial da ferramenta em catalisar discussões referentes aos estudos urbanos. A atividade foi então cadastrada como ação de extensão como forma de legitimar o projeto e dar certificação pela presença e participação de todos os envolvidos.

A ação aconteceu de maneira experimental no primeiro semestre, e devido ao engajamento observado, voltou a ocorrer no semestre em seguida. A organização se deu por etapas, na qual a primeira foi a seleção dos curtas, feita a partir do conhecimento prévio da idealizadora, ao frequentar festivais de audiovisual e pelo contato próximo com pessoas da área da comunicação. A segunda etapa foi entrar em contato com os realizadores dos filmes e articular as possíveis datas para garantir suas presenças nos eventos, assim como convidar professores e convidados externos. Em paralelo a isso, foram realizados os procedimentos cabíveis para cadastrar a atividade como ação de extensão, por intermédio de uma professora do departamento, submetendo a proposta à Pró-reitoria de Extensão (PROEX). Sendo aprovado o projeto, deu-se o início da terceira etapa: a divulgação dos eventos, por meio de cartazes divulgados nas mídias sociais e colados em murais ao redor da universidade, a fim de atrair o público geral. Os cartazes eram divulgados geralmente uma semana antes da realização dos eventos. Os eventos ocorreram sempre no átrio do Galinheiro (Laboratórios de Arquitetura e Urbanismo da UFRN), sendo organizado pelos membros da equipe com apoio do Centro Acadêmico. A estrutura dos eventos seguia a sequência: apresentação breve sobre o projeto e temática do curta do dia; exibição do curta-metragem; abertura da roda de conversa passando a palavra inicialmente aos realizadores do filme e então aos debatedores e ao público geral, permitindo que o debate fluísse livremente.

No primeiro semestre do evento foram feitas três sessões com os curtas: *Abraço de Maré*, abordando sobre vulnerabilidade socioambiental; *Caboco,* tratando de vivência em Permacultura; e *Leningrado linha 41*, com o tema de direito à moradia. No semestre seguinte, a equipe organizadora cresceu e com a consequente expansão da rede de contatos, foram então selecionados mais curta-metragens: *(In)sustentável*, na temática do saneamento ambiental; *Catarro*, trazendo o tema sobre pessoas em situação de rua; *Prédios abandonados - Beury & Divine* e *Arialdo Pinho: uma trajetória des-viável*, abordando a questão do Patrimônio Edificado

e *Existe Vida na Moema* e *Entre muros: a vida escondida na comunidade do Jacó*, tratando de demandas sociais e projetos participativos. A seguir, será contextualizada cada uma das edições.

1ª EDIÇÃO - ABRAÇO DE MARÉ

No primeiro encontro foi exibido o curta *Abraço de Maré*, com direção de Victor Ciríaco, o qual retrata o dia a dia de uma família ribeirinha, que mora em uma casa de taipa às margens do rio Potengi. O filme emerge uma reflexão sobre a dualidade de uma realidade que parece tão distante, mas que é na verdade muito próxima. O diretor conta que a produção surgiu a partir da curiosidade ao ver aquele cenário desenhado na paisagem que observava da janela do ônibus ao atravessar a ponte. Após um contato inicial com os moradores, o casal Biluca e Ilton, e seus três filhos, e ao se estabelecer um certo nível de confiança e aproximação com os mesmos, a filmagem foi realizada em alguns encontros ao longo de três meses, entre maio e agosto de 2013. A linguagem visual do filme adotou uma estética em preto e branco a fim de ressaltar a história contada, e não a pobreza do local como aponta Hélio Ronyvon, diretor executivo do curta e Pipa Dantas, editora. O curta foi exibido em diversas mostras e festivais e recebeu prêmios no curta Taquary, em Pernambuco, em três categorias: melhor roteiro, melhor direção e melhor filme. Já no Goiamum Audiovisual, receberam prêmios por melhor edição, melhor filme e melhor filme pelo júri popular.

Figura 01 - Cartaz de divulgação do Curta Urbanos 1ªed. - Abraço de Maré

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

No debate após a exibição do curta foi dada a palavra aos realizadores, que relataram alguns desafios da produção e da escolha da linguagem, que não seguiu um roteiro prévio, mas que buscou dar a palavra aos habitantes, se familiarizando e adentrando aquele universo tão particular. Na sequência foram suscitadas algumas questões referentes ao patrimônio ambiental desvalorizado e à questão da moradia, retratando a vida de pessoas que vivem em

condições de vulnerabilidade. Em uma fala do morador ele chega a afirmar que mora numa ilha, mas que se vissem a ilha que ele morava ninguém ia querer morar lá. Apesar das condições precárias, os moradores afirmam que gostam de viver ali, e que dali também tiram seu sustento, a partir da pesca. O curta promove uma crítica social mas ao mesmo tempo revela um cenário de grande valor ambiental e potencial cênico e paisagístico, que tem sido igualmente negligenciado.

Um dos pontos altos da discussão foi quando um estudante de arquitetura falou a respeito da Lei de Assistência Técnica Pública e Gratuita para famílias de baixa renda (Lei nº 11.888) que existe desde 2008 mas que não vem sendo aplicada pelos municípios. O objetivo da lei é garantir que famílias com renda mensal até 3 salários mínimos possam construir a sua casa com segurança, orientados por arquitetos financiados pelo governo, quer morem em área rural ou urbana. Os recursos para pagar estes profissionais é garantido pelo Fundo Nacional de Habitação e Interesse Social (FNIHS), gerido pela Caixa Econômica Federal. A partir dos desdobramentos do debate, foi evidenciado o poder da linguagem audiovisual, na medida em que, mesmo sem tantas pretensões, o curta aborda questões muito profundas da nossa sociedade que revelam um abismo social promovido pela falta de assistência, oportunidade e visibilidade à pessoas que vivem em situações críticas.

Figura 02 - Fotos do evento Curtas Urbanos 1ªed. - Abraço de maré

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

2ª EDIÇÃO - CABOCO

Na segunda edição foi exibido o documentário CABOCO, dirigido por Stephanie Bittencourt e realizado junto a Jaya Lupe e Rodri Nazca. O curta documentário etnográfico retrata a vivência do agricultor e artesão Aurélio Dantas, guardião do Sítio Alice, no município de Poço Branco/RN, localizado a cerca de 50km de Natal. O filme aborda uma história inspiradora de sonhos e de resistência: a terra em que habita atualmente, chamada de Sítio Alice (em homenagem à mãe e a filha), costumava amontoar bares que negligenciavam o local. Ao descobrir que se tratava de uma APP (Área de Preservação Permanente), Aurélio decidiu por embargar o balneário e dar início a um processo de ocupação e reflorestamento. Ao conhecer os princípios da permacultura, os quais são, de acordo com os precursores da permacultura Bill Mollison e David Holmgren (1978), cuidar das pessoas, cuidar da terra e partilhar os excedentes, o senhor de 47 anos vislumbrou uma alternativa de sair de meios de vidas prejudiciais e aplicar mudanças de hábito adotando os princípios preconizados. Foi então que

desde o ano 2000 Aurélio Dantas, o Caboco, se integrou à Rede Potiguar de Permacultura e vem trabalhando, em um projeto autônomo que pode ser caracterizado como uma experiência de agroecologia, em Poço Branco. A ideia era criar e manter uma área de reserva ambiental, através do processo de reflorestamento num terreno devastado que antes servia como balneário, amontoando bares a beira do açude, que degradavam o local (BITTENCOURT, 2016). O documentário foi o trabalho de conclusão de curso (TCC) em Comunicação Social com habilitação em jornalismo da diretora. A linguagem adotada buscou compreender o estilo de vida do personagem a partir da observação, adotando uma postura etnográfica, como aponta a diretora:

> Minha intenção ao longo da produção foi de capturar aspectos de seu viver a partir de uma postura etnográfica. Registrar conversas intencionadas, mas focar nos momentos espontâneos, observá-los, permiti-los. Nesse sentido, por exemplo, ao longo da edição, optamos por não "limpar" os ruídos (latidos dos cães, risadas, comentários ininteligíveis ao fundo) das gravações de nossos cantos e brincadeiras na fogueira, e com eles compor trechos do filme, enriquecendo-o com seu potencial de trazer verdade (BITTENCOURT, 2016, p. 16).

Figura 03 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 2ªed. - Caboco

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

O evento ocorreu no dia 05 de junho de 2018, no dia mundial do Meio Ambiente e contou com a presença da diretora e do próprio 'Caboco' Aurélio Dantas, assim como da professora Dulce Bentes, do advogado popular Luciano Falcão e do professor de História Jair Souza, que tiveram participação no processo de emancipação e luta pelo direito de posse de Aurélio à área, tendo em vista sua atuação de mais de 15 anos no local, reflorestando e preservando aquele pedaço de terra. A discussão girou em torno do abismo entre a legislação ambiental e a realidade das pessoas que lidam com a terra e vivem de forma simples e integrada com a natureza, como é o caso também de comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos, dentre outros.

Figura 04 - Fotos do evento Curtas Urbanos 2ªed. - Caboco

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

3ª EDIÇÃO - LENINGRADO LINHA 41

O curta que encerrou as exibições no primeiro semestre foi dirigido por Dênia Cruz e relata a história do assentamento Leningrado, em Natal/RN, uma comunidade que ainda luta pelo direito à moradia e dignidade, em um conjunto totalmente segregado de Natal, cuja única ligação com a cidade é a linha de ônibus 41. A comunidade fica localizada entre dois bairros da periferia de Natal (Planalto e Guarapes) e surgiu como ocupação num terreno público a fim de reivindicar moradia digna para as famílias, acesso a transporte público e a busca ativa pela igualdade social. Em 2004 cerca de 120 famílias armaram seus barracos e montaram a ocupação, cujo nome faz uma alusão à cidade soviética sitiada em 1941 durante a segunda guerra mundial. Após anos de existência, depois de virar conjunto habitacional, Leningrado ainda não tem serviços básicos como escola, saúde, segurança e lazer.

Figura 05 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 3ªed. - Leningrado linha 41

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

O evento contou com a presença da diretora e do coordenador do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), Wellington Bernardo, que acompanhou o processo de luta das famílias e atuou fortalecendo o movimento. Na discussão foram pautados questões concernentes ao déficit habitacional e insuficiência das políticas de habitação social, como por exemplo o Programa Minha Casa, Minha Vida, que destina casas para população com renda de 1 a 10 salários mínimos, mas o contingente destinado a famílias na faixa de renda abaixo de 3 salários é ínfima.

Figura 06 - Fotos do evento Curtas Urbanos 3ªed. - Leningrado linha 41

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

4ª EDIÇÃO - (IN)SUSTENTÁVEL

Nesta edição foi realizada a exibição do curta "(In)sustentável", um documentário ficcional que conta a história de uma equipe de televisão que investiga o desabamento do calçadão de Ponta Negra. Este curta foi dirigido por Julio Castro e Vlamir Cruz como Trabalho de Conclusão de Curso de Produção Audiovisual da Universidade Potiguar. O filme ganhou prêmios e foi apresentado em festivais locais e nacionais. A narrativa foi inspirada pelos desabamentos do calçadão da praia de Ponta Negra (Natal/RN), que começaram no início de 2012. A queda de mais um trecho em 2013, seguida da quebra de uma tubulação de esgoto da orla serviu como cenário para esta produção. Logo nos primeiros segundos do curta, essa problemática é apresentada por meio de uma reportagem ficcional realizada na referida localização: "Estamos em Ponta Negra, onde o esgoto jorra para a praia há dias (...)".

Figura 07 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 4ªed. - (In)sustentável

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

O curta segue uma estrutura narrativa fragmentada, e alguns eventos "surreais" são apresentados entre as cenas que mostram os problemas ambientais da praia e a especulação imobiliária do seu entorno. Segundo um dos realizadores, Vlamir Cruz, o curta foi idealizado desse modo com o objetivo de representar a abordagem, também "inacreditável", da mídia natalense, que tratava a situação do calçadão apenas como problema estético, não evidenciando as deficiências na gestão urbana e ambiental.

Figura 08 - Fotos do evento Curtas Urbanos 4ªed. - (In)sustentável

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

Na discussão feita após a exibição do filme, alguns dos pontos mais debatidos foram a necessidade de uma discussão interdisciplinar da questão do saneamento ambiental para se contrapor ao discurso hegemônico no qual essa temática é apresentada de forma distorcida de acordo com interesses políticos pouco direcionados a uma solução que beneficie a sociedade em geral, os conflitos existentes na atuação das instituições responsáveis pelo tratamento de esgotos e de águas pluviais no Estado, a CAERN e a SEMOB, assim como a indispensabilidade de criação de um plano de contingência para situações de emergência ambiental.

5ª EDIÇÃO - CATARRO

Na 5ª edição da mostra ocorreu a exibição do curta metragem Catarro, realizado pelo Diretor Paulo Dumaresq com o apoio das produtoras Ágil Fotografia e Praia Filmes. O filme estreou no Cine Fest RN, na edição de abril de 2018, onde recebeu menção honrosa, e foi exibido no 9º Goiamum Audiovisual, recebendo o Prêmio de Melhor Filme para Reflexão. O curta acompanha um dia na vida de Edvaldo Correia, cognome Catarro, morador de rua, andarilho urbano, artista plástico e vendedor informal de livros no centro histórico de Natal. Segundo o diretor, a narrativa do curta foi inspirada no filme *On the Bowery*, produção do diretor americano Lionel Rogosin de 1956, que conta a história de um grupo de homens que morava na rua *Bowery,* em Nova York.

Figura 09 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 5ªed. - Catarro (em parceria com o grupo Vozes da Cidade)

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

Esta edição foi realizada em parceria com o grupo Vozes da Cidade, coordenado pela professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo Verônica Lima, e contou com a participação de importantes agentes da luta por direito à moradia e defesa da população de rua na cidade Natal. Dentre eles, destacou-se a participação da professora do Departamento de Psicologia da UFRN Maria Teresa Lisboa, uma das coordenadoras do projeto de extensão "Descartáveis urbanos ou cidadãos de direitos? Uma aposta na população de rua da Grande Natal" que objetiva contribuir para a autonomia, mobilização e formação política de pessoas em situação de rua em Natal, a presença de Danielle Veras, promotora da Comissão de Justiça e Cidadania do Ministério Público do Rio Grande do Norte, e de Vanilson Torres, coordenador local do Movimento Nacional de População de Rua.

Figura 10 - Fotos do evento Curtas Urbanos 5ªed. - Catarro (em parceria com o grupo Vozes da Cidade)

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

Na discussão realizada após a exibição do curta destacou-se alguns pontos, dentre eles, os critérios de seleção de famílias pelo programa Minha Casa Minha Vida, que segundo Daniele Veras, é dividido nas categorias de demanda fechada e de sorteio. Os moradores de rua são inseridos no programa a partir desta segunda forma de seleção, e são beneficiados por um peso diferencial. No entanto, a promotora destacou a importância da inserção desse grupo também na primeira forma de seleção, de modo a ampliar as chances de aquisição de moradia. Também foi destacada a necessidade de mapear a quantidade de pessoas em situação de rua e inseri-las em uma poligonal ampla e que contemple as áreas centrais da cidade, onde esses moradores já realizam as suas atividades. Assim como, as dificuldades institucionais de transição de uma situação de rua para uma situação formal, com destaque para os conflitos existentes na prática de albergamento, foi debatida como única alternativa oferecida pelo poder público para os moradores de rua da cidade de Natal. Esta modalidade de atendimento vai na contramão das práticas atuais da Política Nacional de Assistência Social, e da implantação do Sistema Único de Assistência Social, que contempla o atendimento da população de rua na perspectiva de inclusão dos indivíduos, fortalecendo vínculos sociais e familiares, e realizando a articulação com demais políticas sociais.

6ª EDIÇÃO - PATRIMÔNIO

Na 6ª Edição dos Curtas Urbanos a temática abordada foi a de Patrimônio Edificado, onde, através dos curtas *Prédios Abandonados - Beury e Divine*, sob direção de Jaya Lupe, e *Arialdo Pinho: uma trajetória des-viável*, dirigido por Fred Luna, foi abordada a questão do descaso com importantes exemplares arquitetônicos modernistas nas cidades retratadas. A atual crise a respeito do patrimônio edificado é retratada pela historiadora Françoise Choay, a qual aponta o desvínculo da sociedade com a própria identidade como um dos fatores a contribuírem para que as rápidas transformações contemporâneas prevaleçam em detrimento

dos elementos identitários históricos e culturais (CHOAY, 2011). Com isso, vê-se na discussão acerca da preservação do patrimônio a importância de retratá-lo com o intuito de resgatar a apropriação cultural da sociedade. Nesse sentido, segundo o arquiteto Carlos Lemos (1981) preservar significa muito além do que apenas manter algo intacto, significa manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares, gravando depoimentos ou fazendo levantamentos de qualquer natureza, com o objetivo de registrar coisas condenadas ao desaparecimento. Para o autor, registrar é sinônimo de preservar, "registrar para o amanhã informações de elementos culturais que não tem garantia de permanência, devido aos avanços do "saber fazer" da humanidade" (LEMOS, 1981. p. 29). Relacionando a importância dos registros com a necessidade de resgatar o apego identitário da sociedade pelos seus marcos edificados através da contribuição da memória, temos o audiovisual como uma ferramenta de suma importância para efetivar esse diálogo, como pode ser visto nos curtas apresentados nesta edição.

Figura 11 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 6ªed. -Tema: Patrimônio

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

Em relação ao curta *Prédios Abandonados - Beury e Divine,* a diretora Jaya Lupe retrata o Edifício Beury e o Edifício Divine Lorraine, localizados no norte da Filadélfia, Estados Unidos. Em 2015, enquanto as filmagens ocorriam, esses prédios icônicos se encontravam abandonados e em avançado processo de deterioração. Entretanto, atualmente, ambos se encontram com projetos de requalificação em andamento. Tanto o Edifício Divine Lorraine quanto o Edifício Beury estão sendo requalificados para receber o uso habitacional. No Beury, o uso habitacional é destinado à camadas sociais populares e à pessoas com deficiências físicas, além de ser proposto o uso comercial no térreo. Quanto ao Divine Lorraine, o público alvo caracteriza-se por classes sociais mais altas e em seu térreo serão contemplados usos de lazer, como restaurantes e bares.

Na primeira parte do curta, a respeito do Edifício Beury, exemplo de arquitetura Art Deco abandonado por cerca de quatro décadas, a autora retrata duas ideias distintas nas falas de seus entrevistados. Enquanto o primeiro aponta a importância de ocupar o edifício com um uso voltado à demandas sociais, o segundo fala que o prédio precisa ser demolido para haver renovação. Essa tomada remete à discussão acerca das formas de intervenção urbana, onde pode-se trabalhar na comparação entre Reabilitação Urbana e Renovação Urbana. Na primeira, a intervenção urbana se realiza com enfoque no desenvolvimento social, além do econômico e funcional, e enaltecendo a identidade e as características da área em questão. Já na segunda acontece a demolição das estruturas existentes e substituição por novas formas urbanas, devendo ser aplicada apenas em áreas degradadas que não apresentam edificações ou conjuntos urbanos de valor patrimonial (CARTA DE LISBOA, 1995).

Quanto à segunda parte, onde é apresentado o edifício Divine Lorraine, construído entre 1892 e 1894. O edifício passou a ter uso de hotel apenas em 1948, sendo o primeiro hotel a ter integração racial nos Estados Unidos, e foi abandonado em 1999, estando sem uso a mais de 15 anos (PRÉDIOS abandonados, 2015). Além dos aspectos da avançada deterioração do prédio, a autora aborda a sua venda para Eric Blumenfald, o qual irá lhe atribuir um reuso habitacional. A fala do arquiteto e professor Christopher Stromberg aponta para a importância da diversidade arquitetônica na área, fator que, segundo Jane Jacobs (1961), finda por tornar a área mais interessante promovendo a vitalidade urbana. Por fim, como aponta a arquiteta e professora Snezana Litvinovic em sua fala no curta, o edifício é localizado em uma área contemplada por uma mobilidade urbana cheia de conexões e possibilidades, o que ressalta ainda mais seu caráter como ícone arquitetônico. Com isso, a tomada em questão torna-se interessante para ilustrar a discussão a respeito ao esvaziamento das áreas centrais em detrimento de um espraiamento para as periferias, temática atualmente em ascensão, abordada em âmbito nacional, por exemplo, pelos autores Flávio Villaça (1998) e Ermínia Maricato (2011).

O segundo curta apresentado nesse dia, *Arialdo Pinho: uma trajetória des-viável*, é originado do documentário de mesmo título produzido pelo jornalista Frederico Luna em seu doutorado no PPGAU (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). A produto audiovisual é sobre o projetista prático carioca Arialdo Pinho, especialmente a respeito de sua atuação enquanto profissional nas cidades de Natal-RN na década de 1950, onde projetou habitações modernistas, e em Fortaleza-CE na década de 1960, onde, além de residências, projetou hotéis, fábricas, faculdade, cenários de espetáculos teatrais, lojas, móveis, ambientação e festas temáticas. Esse, trata da memória e do patrimônio cultural construído através de depoimentos e pesquisas de campo.

O documentário realizado por Fred Luna une seu conhecimento na área do jornalismo ao conhecimento desenvolvido na pesquisa científica no campo da Arquitetura e Urbanismo, e ratificado por depoimentos de familiares, arquitetos e urbanistas, pesquisadores, ex-moradores de habitações projetadas por ele, amigos, entre outras fontes, o diretor traz abordagens a respeito da arquitetura modernista de Natal na década de 50; aspectos profissionais, pessoais e sociais do arquiteto Arialdo Pinho, e um retrato da evolução profissional da arquitetura na mesma época (TAVARES, 2017). O documentário, mesmo sendo de compreensão independente

da tese e apresentando como elemento principal o personagem Arialdo Pinho, através da sua trajetória desde o Rio de Janeiro até o Ceará, apresenta de maneira intrigante aspectos da Arquitetura e do Urbanismo, levando a discussões acerca do descaso com o Patrimônio Edificado na cidade de Natal e da memória afetiva das pessoas em relação às edificações retratadas.

As residências modernistas projetadas por Arialdo Pinho em Natal, destaques de sua vida profissional e enaltecidas na produção audiovisual, se encontram sob a forma de reuso, abandonadas, reformadas, descaracterizadas, em processo de demolição ou demolidas. Com isso, reitera-se o que já foi dito anteriormente a respeito do desvínculo da sociedade com seus patrimônios identitários. Nesse sentido, o curta realizado por Frederico fomenta a discussão a respeito da memória coletiva em relação aos aspectos urbanos. Como um dos fatores para a ausência de identidade das pessoas, resultando no descaso público para com as edificações de valor patrimonial, é fruto do desconhecimento geral a respeito do patrimônio cultural, o autor utiliza o audiovisual "em virtude das possibilidades oferecidas de exploração do tema, como oportunidade de expor idéias, vozes, palavras, imagens, documentos, momentos e edificações, de forma consciente, rica e direta." (TAVARES, 2017. p. 53), promovendo assim uma comunicação mais efetiva com as pessoas.

O efeito do curta *Arialdo Pinho: trajetória des-viável* a respeito da memória coletiva pôde ser observado no debate após a exibição. Enquanto discutia-se a respeito do que levava as edificações modernistas em questão a passarem por tamanho descuido, uma aluna da graduação em Arquitetura e Urbanismo não-natalense, questionou a respeito de qual seria a "identidade do natalense", e se existia tal identidade. Essa pergunta resultou na exaltação da professora de literatura Iaçonara Albuquerque (IFRN), exímia contadora de histórias, a qual narrou suas andanças de adolescente pelas ruas dos bairros natalenses Tirol e Petrópolis, onde se localizam a maior parte dos exemplares de arquitetura modernista da cidade. Nesses passeios Iaçonara brincava de escolher qual seria a sua casa. Com isso, sua memória afetiva lhe leva a apresentar um forte reconhecimento do valor identitário do patrimônio cultural edificado. A professora, como indivíduo que recorda, em seu depoimento não só reafirma suas memórias, como as compartilha, transformando-as em uma memória coletiva, uma realidade social (BOSI, 1994. p. 81 apud. TAVARES, 2017. p. 49), ou como a mesma denominou: "memória afetiva".

Além do tema anterior, a noite foi contemplada pelo debate de diversos outros temas despertados a partir dos curtas exibidos. Discutiu-se acerca do que estava sendo feito em prol de salvar as edificações, onde foi retratado que, enquanto uns choram as ruínas, outros as transformam em materiais ricos de conteúdo, como as próprias produções audiovisuais da 6ª edição dos Curtas Urbanos. Com isso, concluiu-se não só a importância do audiovisual como forma de retratar conteúdos teóricos da Arquitetura e do Urbanismo ou trazer às telas a memória coletiva urbana, mas a ferramenta se mostra também como um elemento ativista, capaz de despertar o interesse em valorizar as obras retratadas.

Figura 12 - Fotos do evento Curtas Urbanos 6ªed. - Patrimônios

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

7ª EDIÇÃO - DEMANDAS SOCIAIS E PROJETOS PARTICIPATIVOS

Na sétima edição do Curtas Urbanos foi abordado o tema das Demandas sociais e projetos participativos, através dos curtas *Existe Vida na Moema*, sob direção de Jaya Lupe, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo, e *Entre muros - Vida escondida na comunidade do Jacó*, dirigido por Marcello Uchôa, graduando do curso de Direito. A fim de promover um planejamento urbano voltado para o desenvolvimento social, faz-se cada vez mais necessária a participação das comunidades em relação às demandas existentes, sendo realizados assim projetos participativos, onde a comunidade beneficiada integra ativamente do processo. Na busca pelo desenvolvimento social, a escala de intervenção diminui. Dá-se maior atenção aos indivíduos que habitam o espaço, afinal são quem mais conhece a respeito de seus problemas, necessidades e potencialidades. A arquiteta e urbanista Sibelle Lana (2007, p. 28) aponta que a comunicação entre as partes é um dos maiores desafios do projeto participativo, especialmente devido ao fato de que a linguagem dos projetos arquitetônicos e de planejamento urbano não ser legível para todos. Assim, para viabilizar a comunicação entre os profissionais engajados nos projetos urbanos e a população referente é necessário "dar-lhe os meios de acessar esses códigos de representação para que possa entender o que está sendo proposto e contribuir com a proposição" (MALARD *et al*, 2002 *apud.* LANA, 2007. p. 28). Com isso, vê-se, mais uma vez, nas produções audiovisuais uma ferramenta positiva para permitir esse diálogo.

Figura 13 - Cartaz do evento Curtas Urbanos 7ªed. - Demandas sociais e projetos participativos

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

O Curta-metragem *Existe Vida na Moema* apresenta relatos de moradores da Av. Moema Tinoco e da comunidade do Gramorezinho (localizados na Região Administrativa Norte de Natal) a respeito das desapropriações e transformações urbanas que virão a ser realizadas na área. O curta foi fruto de um exercício acadêmico realizado na disciplina de Atelier Integrado de Arquitetura e Urbanismo, do nono período da graduação, cujo enfoque é a intervenção em uma fração urbana que reflita sobre as demandas populares, aplicando soluções de desenho urbano, projeto arquitetônico, traçado viário, mobiliário urbano, paisagismo e programação visual, através do método de projeto participativo.

As atividades consistiram tanto em discussões teóricas, quanto em atividades práticas, sendo realizadas algumas visitas em campo a fim de reconhecer o lugar e buscar compreender a realidade local, para então retornar com esses dados e articular as intervenções necessárias para responder as demandas. Para viabilizar o diálogo com os moradores da área, foram realizadas dinâmicas com crianças e adultos, a fim de identificar como estes viam o seu bairro e o que gostariam que melhorasse nele. Foram observados diversos pontos, como melhorias de iluminação, segurança, espaços públicos dentre outros, e também foi percebido que elas gostam muito do local que vivem. Na localidade ainda existe significativa atividade agrícola e um estilo de vida mais rural do que do urbano. Mas algo que chamou atenção e que se tornou o enfoque do trabalho do grupo foi o processo de desapropriação ocorrido ao longo da Av. Moema Tinoco, decorrente do projeto Pró-Transporte, que prevê a duplicação da via e tem afetado diretamente diversas famílias que residem e vivem do comércio no local.

Nesse sentido o grupo buscou ouvir os moradores locais e coletou depoimentos que retratam a problemática. Um dos aspectos mais polêmicos apontados é a demora para iniciar a obra. Um atraso de 12 anos, como aponta a fala do primeiro morador, fez com que suas vidas

estagnassem enquanto esperavam que a obra acontecesse, gerando também uma quantidade de vazios urbanos, resultante da saída de empresas e comércios da área. Os moradores alegam que a obra é necessária, mas consideram a indenização proposta pelos seus imóveis muito aquém do que realmente valem, e incompatíveis para que eles comprem imóveis na mesma localidade. Todo esse material foi então transformado no curta-metragem 'Existe vida na Moema', que reúne de forma crítica o depoimento dos moradores afetados e as peculiaridades da comunidade do Gramorezinho, que, por exemplo, abriga um interessante projeto de hortas orgânicas. Trata-se do Projeto Amigo Verde, o qual foi promovido pelo Ministério Público em parceria com órgãos como o SEBRAE e o EMATER, cujo principal objetivo foi fomentar a retirada dos agrotóxicos nas hortas existentes, dando a assistência e ferramental técnicos necessários, a fim de proteger a zona de proteção ambiental dos químicos e poluentes, promovendo uma melhoria na saúde de forma geral.

Quanto ao curta documental *Entre Muros - Vida escondida na comunidade do Jacó*, este é um dos produtos da execução da ação de extensão universitária "Programa Motyrum de Educação Popular em Direitos Humanos - Projeto Núcleo Urbano na Comunidade do Jacó-Natal/RN" no ano de 2018, grupo o qual desenvolve suas pesquisas adequando os resultados a necessidade dos moradores. A Comunidade do Jacó é considerada uma Área Especial de Interesse Social (AEIS) pelo Plano Diretor de Natal e localiza-se entre os bairros Rocas, Ribeira, Praia do Meio e Petrópolis. "Entre Muros" surge de uma ação participativa realizada através da utilização do mapa da área como objeto gerador de interesse, curiosidade e interlocução, ministrada sob auxílio dos professores do Departamento de Arquitetura José Clewton Nascimento e Eunádia Cavalcante (figura 14). Na ação, quatro das moradoras mais antigas da comunidade, contam, no desenrolar da conversa, a respeito do passado da comunidade, de como se deu sua consolidação urbana, de sua relação com os bairros próximos e acusam o descaso público para com o Jacó. Através dos relatos das moradoras observa-se um vínculo afetivo, de pertencimento e de sociabilidade da comunidade. Entretanto, nota-se também a dificuldade em se reconhecer como AEIS, entendido à partir de sua condição geográfica limítrofe entre os bairros apontados anteriormente.

Figura 14 - Cena do curta Entre Muros - Vida escondida na comunidade do Jacó

Fonte: ENTRE muros, 2018.

O aspecto central do curta documentário, o qual lhe proferiu o nome, diz respeito aos muros que contém o Jacó, sendo estes o muro da contenção da Rua Miramar, o da subestação da COSERN, e, mais recente, o do condomínio residencial Ribeira II. À respeito desse último, são abordados também os impasses em relação às obras e ao projeto, o qual inicialmente invadia o lar dos moradores do Jacó, adentrando seus limites a poucos metros da fachada de suas casas. Assim, o curta retrata o descaso para com a adequada aplicação dos instrumentos de política urbana encontrados formalmente no Plano Diretor, desconsiderando o *direito à moradia adequada* (BRASIL, 2013), assim como seus direitos urbanos enquanto Comunidade do Jacó.

Ao final das exibições, iniciou-se uma discussão à respeito do descaso com as pessoas que pôde ser observado nos curtas. Os participantes apontaram como os novos projetos pioravam a vida de algumas pessoas em detrimento da melhoria para outras, sendo realizados sem levar em consideração a efetivação do *direito à cidade*[1] para todos. O debate seguiu no sentido de enaltecer a importância do audiovisual como ferramenta de comunicação com a população, assim como para evidenciar realidades que não são de conhecimento geral. Assim, podemos ver que o audiovisual também pode ser utilizado como meio para obter apoio a fim de viabilizar projetos para as demandas sociais. Sempre partindo do princípio de que a linguagem arquitetônica e urbana deve ser acessível para todos, e assim, o audiovisual contribui para a popularização das ações.

Figura 15 - Fotos do evento Curtas Urbanos 7ªed. - Demandas sociais e projetos participativos

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

[1] O precursor do conceito de *direito à cidade* foi o filósofo marxista Henri Lefebvre em seu livro manifesto Direito à Cidade (1968), onde critica as tendências planificadoras do urbanismo modernista e a segregação por meio do fenômeno implosão-explosão, defendendo a reconstituição da cidade enquanto obra de seus moradores através das apropriações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto promoveu discussões muito ricas no âmbito de estudo de Arquitetura e Urbanismo, e conforme foi relatado e pautado nos diversos encontros, o audiovisual foi uma potente ferramenta para levantar reflexões e questionamentos, além de apresentar quadros e situações que muitos não conheciam. Nesse sentido, considera-se que o projeto obteve êxito e alcançou bons resultados quanto aos objetivos almejados, superando as expectativas dos próprios organizadores, à medida que a cada encontro aparecia um público diverso, tanto do curso de arquitetura, quanto de outros cursos e mesmo de outras instituições. A ação contribui na esfera do ensino de Arquitetura e Urbanismo à medida em que articula a interligação com outras áreas do conhecimento, servindo como uma ferramenta de integração, estimulando o debate multidisciplinar.

O audiovisual abarca uma forma de representação e uma visão sobre o urbano ainda pouco utilizadas nos estudos realizados nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Essa ferramenta, como discutido neste trabalho, pode auxiliar no registro da memória da cidade, no entendimento interdisciplinar e com maior aproximação de determinados recortes espaciais, assim como, na diversificação dos meios de apresentação de produtos arquitetônicos ou urbanísticos. É, portanto, uma ferramenta que merece ser mais explorada em exercícios acadêmicos e que também pode enriquecer a atuação profissional, no sentido de permitir uma aproximação com o objeto de análise num caráter antropológico e/ou estético.

O projeto, tendo em vista a boa aceitação do público e do corpo docente, repercutiu de maneira bastante positiva. Ter a presença dos realizadores das obras, dando relatos sobre o processo de produção, suas motivações para a realização das obras, e sobre perceber que mesmo sendo de outras áreas (em geral da Comunicação) realizaram curtas-metragens que trazem temáticas que têm forte conexão com o universo urbanístico, foi particularmente enriquecedor. O engajamento estudantil foi fundamental para a realização e organização do projeto, assim como o apoio do corpo docente no fomento aos debates e na viabilidade do projeto enquanto ação de extensão. Esses fatores são de vital importância para uma possível continuidade do projeto. O êxito do projeto também se deve aos espectadores e participantes que promoveram ao final das exibições o fomento às discussões, fortalecendo a proposta.

REFERÊNCIAS

ABRAÇO de maré. Direção de Victor Ciríaco. Natal: Ponte Audiovisual, 2013. (16 min), son., p&b.

ARIALDO Pinho: Uma trajetória des-viável. Direção de Fred Luna. Natal: Bembe Filmes, 2018. (18min), son., color.

BITTENCOURT, Stephanie. *Caboco:* . Trabalho de Conclusão de Curso - Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. CCHLA-UFRN, 2016.

BRASIL. SDH/PR. Direito à moradia adequada: Por uma cultura de direitos humanos.

Brasília: [s. N.], 2013. P. 14. Disponível em: http://www.mdh.gov.br/biblioteca/promocao-e-defesa/por-uma-cultura-de-direitos-humanos-2013-direito-a-moradia-adequada/view . Acesso em: 01 dez. 2018.

CABOCO. Direção de Stephanie Bittencourt. Natal: Coletivo Mandinga Audiovisual, 2016. (17 min), son., color.

CATARRO. Direção de Paulo Dumaresq. Natal: Du'mar Cinematográfica, 2018. (11min), son., p&b/color.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

EXISTE Vida na Moema. Direção de Jaya Lupe. Natal, 2018. (10min), son., color.

ENTRE Muros: vida escondida na Comunidade do Jacó. Direção de Marcello Uchoa. Natal,

2018. Son, color.

(IN)SUSTENTÁVEL. Direção de Júlio Castro e Vlamir Cruz. Natal: Mudernage Combo, 2018. (12min), son., color.

JACQUES, Paola Berenstein. *Resenha: Quando o cinema vira urbanismo*. Revista Vitruvius. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.116/3994. Acesso em: 05.nov.2018.

LANA, Sibelle Meyer. *O arquiteto e o processo de projeto participativo: o caso RSV*. Dissertação de mestrado, UFMG, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, MG, 2007.

LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Debates, Coleção Primeiros Passos, 1981.

LENINGRADO linha 41. Direção de Dênia Cruz. Natal: CASU Filmes, 2017. (20min), son., color.

MARICATO, Erminia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.* 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVIERI, Silvana Lamenha Lins. *Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade.* Dissertação de mestrado, UFBA-PPGAU, Salvador, BA, 2007.

PRÉDIOS Abandonados - Beury & Divine. Direção de Jaya Lupe. Filadélfia, 2015. (5min), son., color.

ROCHA, Angela Maria; SOUZA, Tatyane Bandeira de. *A Arquitetura e a imagem em movimento*. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 21, p. 128-147, 1 jun. 2007.

TRIBUNA DO NORTE. *O amor na maré*. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-amor-na-mare/268288>. Acesso em: 20.nov.2018.

TAVARES, Frederico Augusto Luna. *Uma trajetória des-viável: o percurso profissional de Arialdo Pinto entre Natal e Fortaleza*. Tese de doutorado, UFRN-PPGAU, Natal, RN, 2017.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.